



UMA IGREJA COM ROSTO AMAZÔNICO: MEMÓRIA E PROFECIA A PARTIR DO CONTEXTO BRASILEIRO

A Church with an Amazonian Face: Memory and Prophecy from the Brazilian Context

Afonso Murad *

RESUMO: A Amazônia tem despertado interesse no mundo, devido às peculiaridades do seu bioma e às suas múltiplas etnias, culturas e religiões. O Papa Francisco convocou um Sínodo especial: “Amazônia. Novos Caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”. Corre-se o risco de se desconhecer a longa caminhada já realizada pelas igrejas da região e não se aprender com a sua história. Então, o artigo visa mostrar como nos últimos anos já se desenvolveu na região uma Igreja com rosto amazônico, que promoveu o cuidado da Casa Comum. Tal opção é a base segura para se empreender novos caminhos na atualidade. Serão utilizadas duas fontes principais: as conclusões dos encontros dos bispos da Amazônia brasileira e os documentos das Conferências do episcopado latino-americano. Inicialmente, se mostrará como a partir de Medellín a Igreja da Amazônia brasileira assumiu diretrizes pastorais para responder aos apelos da região, sobretudo a dos povos indígenas. A seguir, serão identificadas as opções pastorais e a visão de ecologia emanadas de Puebla, Santo Domingo e Aparecida. Apontar-se-á então como a Igreja da Amazônia brasileira assumiu um compromisso crescente diante das questões sociais e ambientais. Por fim, serão apresentados alguns desafios e oportunidades pastorais a partir da Igreja na Pan-amazônia.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia. Igreja. Ecologia Integral. Povos indígenas. Sínodo para a Amazônia.

* Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

ABSTRACT: The Amazonia has awakened interest in the world, due to the peculiarities of its biome and its multiple ethnicities, cultures and religions. Pope Francis called a special Synod: “Amazonia. New Paths for the Church and for an integral ecology “. One runs the risk of not knowing the long walk already carried out by the churches of the region and one does not learn from its history. So, the article aims to show how in recent years the church with an amazonian face has been developed in the região promoting the care of the Common Home. Such option is the safe basis for undertaking new paths today. Two main sources will be used: the conclusions of the meetings of the bishops of the Brazilian Amazon and the documents of the Conferences of the Latin American Episcopate. Initially, it will be shown how, starting from Medellín, the Church of the Brazilian Amazon assumed pastoral guidelines to respond to the region’s appeals, especially to indigenous peoples. Next, the pastoral options and vision of ecology emanating from Puebla, Santo Domingo and Aparecida will be identified. It will be pointed out how the Church of the Brazilian Amazon has assumed an increasing commitment to social and environmental issues. Finally, some challenges and pastoral opportunities will be presented from the Church in the Pan Amazon.

KEYWORDS: Amazonia. Church. Integral Ecology. Indian people. Synod for the Amazon.

Introdução ¹

Como um rio que serpenteia e faz muitas curvas, a Igreja percorre a história, e por onde passa traz a água viva do Evangelho que fecunda o solo da humanidade. A Igreja latino-americana e caribenha se compara a um grande rio, com seus afluentes. E a Igreja na Amazônia, a um afluente caudaloso e belo, com igarapés, ilhas e lagoas.

A Pan-Amazônia, mais abrangente do que a bacia do Rio Amazonas e seus afluentes, compreende os nove países que têm a floresta amazônica em seu território: Brasil, Colômbia, Peru, Venezuela, Equador, Bolívia, as Guianas e o Suriname. Segundo Leticia Tura, o movimento social se apropriou desse conceito como sendo representativo de luta dos povos dessa região. Pois a Amazônia não é só uma questão física e geográfica. Ela diz respeito aos povos que enfrentam os mesmos problemas, para viverem numa das últimas reservas de floresta tropical úmida e de biodiversidade do planeta (TURA, 2010). Engloba então uma região do planeta rica e diversa de espécies animais e vegetais, povos, culturas e religiões.

Neste artigo focalizaremos a Amazônia brasileira, “um mundo de águas”. Seguiremos o curso da história recente, a partir da Conferência de Medellín (CELAM, 1968*) até Aparecida (CELAM, 2007). A fonte primária será

¹ A primeira versão desse artigo foi apresentada no “Encuentro de Trabajo: Sínodo Panamazónico”, promovido por *Ameríndia Continental* em Bogotá, de 4 a 6 de abril de 2019.

a coletânea “Desafio Missionário. Documentos da Igreja na Amazônia” (CNBB, 2014), que reúne os principais documentos das Assembleias e Encontros dos bispos da Amazônia brasileira e um Encontro Continental. Ali se testemunha, no dizer de Dom Erwin Kräutler, “a voz dos pastores da Amazônia” (KRÄUTLER, 2007). A título de conclusão, indicaremos alguns sinais do percurso a seguir pela Igreja na Amazônia, tendo como perspectiva o Sínodo de 2019.

Ao utilizar textos de caráter magisterial e pastoral temos a consciência de que eles sinalizam adequadamente uma trilha traçada, mas são insuficientes para trazer à tona toda a riqueza e a beleza das práticas eclesiais na Amazônia, a vida missionária de bispos, presbíteros, religiosos e religiosas, leigos e leigas. E, sobretudo, o testemunho dos mártires, cuja figura icônica é a Irmã Dorothy Stang.

O percurso da Igreja na Amazônia brasileira não é homogêneo. Há um grupo de pastorais, prelazias e dioceses que avançam, outras que “descem o rio” lentamente, com revezes, e aquelas que continuam à margem do rio, mantendo um projeto de evangelização sacramentalista, de manutenção da estrutura eclesial, copiando os modelos colonizadores.

Não abordaremos aqui uma história da evangelização na Amazônia brasileira. Já existem vários textos sobre o assunto, como o clássico livro “História da Igreja na Amazônia (HOORNAERT, 1992), os artigos “A Igreja e sua missão na Amazônia” (CARRERA DA MATA, 2007), “A igreja católica na Amazônia” (CARRERA DA MATA, 2016), “A voz dos pastores da Amazônia” (KRÄUTLER, 2007), e as sínteses históricas no documento “A missão da Igreja na Amazônia. Os desafios de ontem, de hoje e de sempre” (CNBB, 2004, p. 130-146) e no texto-base da Campanha da Fraternidade sobre a Amazônia (CF2017, p. 232-262). Nosso foco será: as opções pastorais da Igreja da Amazônia em relação às questões socioambientais e aos povos indígenas, e as feições eclesiais que aí se desenvolvem. Além dos documentos dos bispos, incluímos também a Comissão da Amazônia e a Rede Eclesial Panamazônica (REPAM). Didaticamente, apresentamos a caminhada de Igreja na Amazônia brasileiro em 10 passos. Ou, se quisermos manter a imagem das águas, em 10 pontos de convergência do rio. Pois na Amazônia se mesclam o solo e as águas.

Nossa pesquisa identificará: (a) o trajeto de desenvolvimento da consciência social e ecológica percorrido pelos bispos da Amazônia brasileira, em confronto com os documentos do episcopado latino-americano, de Medellín a Aparecida; (b) como o compromisso social se juntou à questão indígena na Amazônia, e (c) os traços de uma Igreja que se encarna nesta realidade e opta preferencialmente pelos pobres, em vista de uma sociedade justa e sustentável. Esperamos assim oferecer uma modesta contribuição teológico-pastoral em vista de “novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”.

1 *Medellín e o Encontro de Santarém: o rio vivo e os igarapés*²

Medellín: onde tudo começou

A Conferência de Medellín se realizou em 1968. Ela lança as bases seguras para a ecologia integral e o compromisso com a justiça social sobretudo a partir dos documentos sobre a *Justiça*, a *Paz* e a *Educação* (MEDELLÍN, 2010, p. 45-58, 59-73, 85-90). Para inspirar os caminhos de uma Igreja renovada e ao lado dos pobres, foram fundamentais os documentos *Pobreza da Igreja* e *Pastoral de Conjunto* (MEDELLÍN, 2010, p. 195-203, 204-216).

Nos documentos de Medellín se encontram uns fundamentos eclesiológicos daquilo que posteriormente se denominou “uma Igreja com rosto amazônico”. Fazendo ecoar o compromisso do pacto das catacumbas, durante o Vaticano II, Medellín propõe uma igreja despojada e comprometida com a superação da pobreza material. Essa denuncia a carência injusta dos bens deste mundo e o pecado que a engendra; prega e vive a pobreza espiritual e compromete-se ela mesma com a pobreza material (MEDELLÍN, *Pobreza na Igreja*, n. 5). Propugna que a revisão e a renovação das estruturas eclesiais, no que têm de reformável, deve ser feita para atender as exigências de situações históricas concretas, tendo em vista a natureza da Igreja (MEDELLÍN, *Pastoral de Conjunto*, n. 5).

A Conferência indica um modelo de Igreja participativo, que favorece o desenvolvimento de “comunidades cristãs de base”. Cada comunidade de base é constituída como um grupo de pessoas com características semelhantes (homogêneo), que “permita a convivência pessoal fraterna entre seus membros”, uma comunidade de fé, esperança e caridade. Ela é “célula inicial da estrutura eclesial e foco de evangelização e fator primordial da promoção humana e do desenvolvimento” (MEDELLÍN, *Pastoral de Conjunto*, n. 10). Para isso, é fundamental que os párocos e bispos tenham “uma acentuada preferência” para a formação de lideranças (MEDELLÍN, *Pastoral de Conjunto*, n. 11).

Medellín toca ainda em uma questão central para hoje edificar uma Igreja com o rosto amazônico: a liturgia inculturada. Para melhor viver a liturgia na América Latina, sugere “adaptar-se ao gênio das diversas culturas

² Na bacia amazônica são comuns os igarapés, que etimologicamente significam “caminho de canoa”. Trata-se do curso de um riacho ou um canal, que permite adentrar pela floresta. Faz a ligação entre duas ilhas, ou entre uma ilha e a terra firme. Fundamental para o ecossistema, é berço de vida de peixes, aves e plantas. Enquanto corredor ecológico, permite a procriação e a mobilidade de muitas espécies. Serve aos ribeirinhos, para o transporte em embarcações pequenas, a pesca e o plantio nas margens. De certa forma, o igarapé alimenta o rio e é por ele alimentado.

e encarnar-se nele”; “acolher positivamente a pluralidade na unidade, evitando erigir, a priori, a uniformidade como princípio”, “conduzir a uma experiência vital da união entre a fé, a liturgia e a vida cotidiano (MEDELLÍN, Liturgia, n. 7)”.

Os documentos de *Medellín*, caracterizados por inigualável força profética e vigor evangélico, não se referem nem à ecologia, nem à região amazônica. A Conferência, realizada em 1968, não teve uma postura ecológica, pois a consciência planetária ainda não estava desenvolvida na América Latina e dava os primeiros passos no velho mundo (MURAD, 2018, p. 367-368). Além disso, Medellín teve que enfrentar a visão desenvolvimentista da época. As bruscas mudanças culturais, o crescente processo de industrialização, a urbanização rápida e desumanizadora, todo esse cenário corroborou para não realçar a especificidade da Amazônia.

Medellín alude à importância dos povos indígenas, mas não distingue, sob este termo, as civilizações dos povos originários da floresta, das regiões andinas, do sul do continente ou da América Central. O termo “indígena” aparece cinco vezes nos documentos de Medellín. Afirma-se “a necessidade de uma promoção humana para as populações camponesas e indígenas. Esta promoção não será viável se não for realizada uma autêntica e urgente reforma das estruturas e da política agrárias” (MEDELLÍN, Justiça, n. 14). Valoriza a inserção de *todos* na sociedade, com justiça e equidade. Propõe uma educação libertadora, contemplando também os povos indígenas (MEDELLÍN, Educação, n. 3).

1º Passo: o encontro de Santarém

Quatro anos depois da Conferência de Medellín, em 1972 realiza-se o 1º Encontro inter-regional dos bispos brasileiros da Amazônia em Santarém, cidade às margens do Rio Tapajós. Esta assembleia foi decisiva para encarnar no chão da Amazônia as linhas de renovação do Vaticano II e de Medellín.

Definem-se duas diretrizes básicas no “Encontro de Santarém”. A primeira, *encarnação da realidade*, radica-se na encarnação do próprio Cristo. Ela exige um entrosamento com a realidade concreta do homem e do lugar, pelo conhecimento e pela convivência com o povo. Estimula a superar o paternalismo, o etnocentrismo, e o modelo importado ou artificial de vida, fomentando a criatividade cultural (SANTARÉM 1, n. 4). A segunda, *evangelização libertadora*, consiste “na consciente explicitação daquela plena libertação que a páscoa de Cristo traz ao homem e à história humana, em todas as conjunturas e latitudes”. Aplicados à Amazônia, significa uma evangelização sem dicotomias, que abrange o homem todo e todos os homens (expressão de Paulo VI na *Populorum Progressio*, assumida em Medellín); uma evangelização simultaneamente fiel ao espírito de Cristo e aos Sinais dos Tempos, que possibilite a conscientização e a libertação. Em

virtude dessa evangelização libertadora, a Igreja deve se pronunciar perante aquilo que atinja a dignidade a liberdade humana (SANTARÉM 1, n. 5).

No documento de Santarém se elegem quatro prioridades pastorais: formação de agentes de pastoral, comunidades cristãs de base, pastoral indígena, estradas e outras frentes pioneiras. Essas são esmiuçadas em correspondentes objetivos, metas e programas de ação. Um plano audacioso, levando em conta as enormes distâncias, a carência de pessoal e os minguados recursos disponíveis. Demonstra assim estar atenta em primeiro lugar às demandas pastorais que vem da realidade, e não à preocupação de automanutenção.

Santarém adota um termo que será difundido em vários lugares do Brasil: “agentes de pastoral”, entendido como “pessoas que se comprometem total ou parcialmente a trabalhar na pastoral da Igreja, com diversidade de ministérios”, tais como diáconos, ministros da Eucaristia, dirigentes de culto, coordenadores de comunidades (SANTARÉM 1, n. 6,8). Mais um sinal do desejo de edificar uma Igreja com participação ampla de leigos e leigas.

A questão indígena é contemplada como a segunda prioridade (SANTARÉM 1, n. 24-26). “A Igreja na Amazônia tornou-se historicamente a maior responsável pelo índio”. Tal posição é fruto de sua consciência de cumprir a missão confiada por Cristo “e que a impele em busca, preferentemente, dos agrupamentos mais frágeis, mais reduzidos e mais suscetíveis de esmagamento nos seus valores e no seu destino” (SANTARÉM 1, n. 24). A assembleia expressa seu pleno apoio ao recém fundado Conselho Indigenista Missionário (CIMI), que até os dias de hoje exerce um importante papel de defesa dos povos indígenas, fortalece sua organização e luta pela demarcação de suas terras.³ No auge do governo militar, com toda a repressão que ele comportava, a Igreja da Amazônia assumiu a partir da questão indígena uma intrépida postura de ser “a voz dos que não têm voz”.

O texto é assinado por 26 bispos. Na época, a maioria era composta por bispos prelados, estrangeiros e membros de institutos religiosos. Impressiona como o documento de Santarém é arrojado, pois lança a Igreja da Amazônia em missão, atenta à realidade do povo na região. É um grito pela “descolonização da fé” e um deslocamento para a evangelização inculturada. Ainda não desponta qualquer referência à questão ecológica, mesmo no coração da Amazônia. Ela será explicada somente no encontro de 1990.

Os pastores da Igreja da Amazônia passo a passo tomam consciência dos horrores do regime militar e ampliam sua consciência social. As palavras e as posturas proféticas de Dom Pedro Casaldáliga impulsionaram o compromisso social de bispos, presbíteros, religiosos(as) e leigos não somente

³ CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. Disponível em: <<https://cimi.org.br/>>. Acesso em: 02 fev. 2019.

da Amazônia, mas também em outras partes do Brasil. Basta recordar a Carta Pastoral: “Uma Igreja da Amazônia em Conflito com o Latifúndio e a Marginalização Social” (CASALDÁLIGA, 1971). A CNBB, que havia apoiado o golpe de 1964, lentamente muda de posição. Bispos de algumas regionais tomam a palavra. Em 1973 foi lançado o documento “Ouvi os Clamores do meu Povo”, sobre a situação dos trabalhadores no Nordeste, assinada por 13 bispos e 5 superiores de Institutos Religiosos (FERREIRA CALADO, 2013). Dom Fernando Gomes dos Santos, destemido arcebispo de Goiânia convocou os bispos do regional e com eles assumiu a publicação de “Marginalização de um Povo – Grito das Igrejas”, sobre as condições do povo no Centro-Oeste. Neste mesmo ano, um grupo de bispos e missionários, sob a coordenação de Pedro Casaldáliga e Tomás Balduino trouxeram a público “Y-Juca-Pirama – o Índio, aquele que deve morrer”, em defesa dos povos indígenas (CASALDÁLIGA; BALDUÍNO, 1973).

2º Passo: O Encontro de Manaus

Em 1974 acontece o II Encontro inter-regional de Pastoral em Manaus, com o mote: “queremos ser um povo unido que trabalha para corresponder às exigências do nosso tempo”. Esse encontro visa avaliar, aperfeiçoar e reformular as linhas prioritárias de Pastoral da Amazônia, assumidas no Encontro de Santarém. Acrescenta-se uma quinta prioridade: a pastoral de juventude (MANAUS 1, c.5). Contata-se que, “há uma abertura para horizontes novos: o Povo de Deus, de receptor passivo, está passando a autor consciente de sua própria evangelização” (MANAUS 1, b.2.4). Amplia-se o perfil dos agentes de pastoral, incluindo catequistas, monitores de comunidades, ministros da palavra e até professores de comunidades rurais. Geralmente são dois critérios de escolha: “livre eleição das comunidades interessadas ou indicação por parte dos bispos ou padres, aceita pelo povo de Deus” (MANAUS 1, b.3.1). Portanto, passos decisivos para um protagonismo efetivo de toda a comunidade eclesial.

Reforça-se a importância da pastoral indígena, articulada com um “serviço de promoção humana”, em colaboração com outras entidades da sociedade civil. São estabelecidas várias normas indicativas e se realça o trabalho do CIMI como órgão coordenador e assessor (MANAUS 1, c.3). Permanece uma certa ambiguidade de postura política, frente à ideologia desenvolvimentista e os projetos governamentais ligados à Transamazônica, já que a pastoral indígena visa “tornar-se presente na irreversível integração do indígena à vida nacional” (MANAUS 1, c.3.1.1).

A Comissão Pastoral da Terra (CPT) nasceu em junho de 1975, durante o Encontro de Bispos e Prelados da Amazônia, convocado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), realizado em Goiânia (GO). Foi fundada “como resposta à grave situação vivida pelos trabalhadores rurais, posseiros e peões, sobretudo na Amazônia, explorados em seu trabalho,

submetidos a condições análogas ao trabalho escravo e expulsos das terras que ocupavam”. Os posseiros da Amazônia foram os primeiros a receber atenção da CPT. Sua ação se estendeu a todo o Brasil, pois os trabalhadores e trabalhadoras da terra, os camponeses em suas mais diversas categorias, enfrentavam problemas semelhantes. Em cada região, o trabalho da CPT adquiriu uma tonalidade diferente de acordo com os desafios da realidade.⁴

2 A partir de Puebla, novos afluentes de um rio vigoroso

Avanços da Conferência de Puebla

A III Conferência dos Bispos da América Latina, em Puebla (1979), reforçou as grandes linhas de Medellín. Assumiu a “opção preferencial pelos pobres” e pelos jovens. Moveu-se com o mote de “comunhão e participação”, indicando com este termo a sintonia dos fiéis com a autoridade eclesial e a valorização de todos os membros da comunidade Igreja, por parte da hierarquia.

Puebla adota, como chave sociológica, a categoria “cultura urbano-industrial” (DP, n. 417) ou “civilização urbano-industrial” (DP, n. 418), minimizando a visão estrutural e crítica de Medellín. Então, sustenta que se deve tomar consciência dos efeitos devastadores da industrialização descontrolada e da urbanização rápida e desequilibrada (DP, n. 496). Neste quadro, afloram alguns elementos da ecologia (DP, n. 139). Puebla propugna que “o domínio, o uso e a transformação dos bens da terra, dos bens da cultura, da ciência e da técnica se realizem em um justo e fraterno domínio do homem sobre o mundo, tendo-se em conta o respeito da ecologia” (DP, n. 327).

Puebla critica o consumismo (DP, n. 311). Mostra a relação do consumismo com o individualismo, o mercado e a economia liberal (DP, n. 311), embora não reflita suas consequências para a continuidade da vida no planeta (sustentabilidade). Permanece então dentro de uma visão nitidamente antropocêntrica, na qual a natureza e todos os seus bens não tem valor em si mesmo (DP, n. 492).

A Conferência valoriza os povos indígenas e os afrodescendentes e seu profundo amor à terra (DP, n. 19). A situação de pobreza generalizada no continente adquire feições concretíssimas, nas quais se deve reconhecer o rosto sofredor de Cristo (DP, n. 31). Dentre elas, feições de indígenas e de afro-americanos, “que vivendo segregados e em situações desumanas, podem ser considerados como os mais pobres dentre os pobres” (DP,

⁴ COMISSÃO PASTORAL DA TERRA (CPT). *Massacres no campo*. Disponível em: <<https://www.cptnacional.org.br/sobre-nos/historico>>. Acesso em: 03 fev. 2019.

n. 34). Muitas vezes Puebla cita os povos indígenas e afrodescendentes, colocando-os um ao lado do outro (Exemplo: DP, n. 365,410,415,422,441). Os bispos assumem o compromisso de promover as culturas indígenas e seus valores (DP, n. 1164).

Estranhamente, a “Amazônia” não aparece no documento de Puebla, apesar da caminhada realizada em muitas prelazias, dioceses e regiões a partir de Medellín. Tem-se a impressão de que ela não existe. Nem o adjetivo “amazônico/a”, ou mesmo a palavra “rio” ou “floresta” estão no texto. Neste sentido, as conclusões de Puebla estão aquém da caminhada da Igreja na Amazônia.

3º Passo: Clamor em defesa do bioma e dos seus habitantes

A ecologia passa a fazer parte da pauta das prioridades da Igreja amazônica a partir do Encontro de Icoaraci, distrito de *Belém*, em fevereiro de 1990. Este encontro inter-regional reúne bispos e coordenadores de pastoral das dioceses e prelazias dos Regionais Norte 1 e Norte 2 da CNBB (Amazonas, Pará, Roraima e Amapá). Daí emana um texto sucinto com 25 parágrafos curtos, intitulado “Em defesa da Vida da Amazônia” (BELÉM, 1990). O documento se inicia com a profissão de fé no Deus da Vida, o que inspira a Igreja a tomar posição contra os semeadores da morte. E esses são nomeados: os que destroem as florestas e todo seu entorno; os que implantam grandes barragens e projetos hidroelétricos, com danos irreparáveis ao meio ambiente, os que usam o garimpo e promovem o tráfico de drogas, os que realizam a pesca predatória; as empresas mineradoras que aniquilam comunidades indígenas; os que destroem a mata para produzir carvão (BELÉM, n. 3-13).

A assembleia declara a solidariedade com todos os povos, particularmente os indígenas, que são os mais atingidos pelos projetos de morte na Amazônia (BELÉM, n. 17). Apela às autoridades governamentais, aos pesquisadores, aos empresários, às instituições financiadoras, a todo o povo da Amazônia, em defesa do meio ambiente e da vida na Amazônia, conforme o plano de Deus (BELÉM, n. 19-23). Enfim, conclama as Igrejas locais a assumir um trabalho de conscientização do povo em vista dessa causa (BELÉM, n. 25).

3 Após Santo Domingo: apesar da barragem, o rio segue seu curso

Uma Conferência que almejou conter o fluxo do rio?

A IV Conferência Geral do Episcopado Latino Americano aconteceu em Santo Domingo, em outubro de 1992. Marcado pelo rígido controle da cúria romana, celebrou os 500 anos da vinda dos colonizadores no solo

latino-americano de forma ambígua: pede perdão pelos exageros da colonização ibérica, mas não assume a tarefa de ser uma Igreja “descolonizada”.

Santo Domingo fez breves referências à ecologia, em forma de tópicos (SD, n. 169-170). O tema ainda aparece de forma pontual em outros lugares, como SD, n. 138,233,252,255. No nosso continente há cidades doentes e deterioradas; populações indígenas e camponesas despojadas de suas terras; derrubada e queimada das florestas especialmente na Amazônia. Diante dessa situação, surge a ideia do desenvolvimento sustentado (SD, n. 169). As linhas pastorais relacionadas à ecologia consistem numa lista de “bons conselhos”, ajuntados e com pouca visão sistêmica (SD, n. 170). Seguindo Puebla, a Conferência reconhece as “inumeráveis riquezas culturais” dos povos indígenas, “habitantes originários destas terras [...] e dos descendentes de milhares de famílias vindas de várias regiões da África” (SD, n. 243-251).

Santo Domingo dá alguns tímidos passos na teologia da terra e na superação do antropocentrismo (SD, n. 171-172). O documento critica a visão mercantilista da terra, contrapondo-a com a cosmovisão indígena (SD, n. 172). Mas, infelizmente, afirma que tal visão é incompatível com a fé cristã. Provavelmente devido a rejeição a qualquer coisa que pudesse evocar um sincretismo, a ferir pretensa “pureza romana” da fé.

Apesar de algumas citações iluminadoras, o documento de Santo Domingo, como um todo, não impulsionou a caminhada da Igreja da Amazônia. Malgrado o bombástico anúncio do “protagonismo dos leigos”, fortaleceu um esquema clerical da Igreja. Mais represou o fluxo das águas do Espírito do que deixou fluir.

4º Passo: a Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia

Em setembro de 1997, por ocasião dos 25 anos do Encontro de Santarém, se realiza em Manaus mais uma assembleia dos Regionais Norte I e Norte II da CNBB, também denominado *VIII Encontro das Igrejas da Amazônia*, com o sugestivo tema “A Igreja se faz Carne e arma sua tenda na Amazônia.

Em continuidade com Medellín e Santarém, propõem-se algumas atitudes fundamentais para inspirar a evangelização. O título dessa sessão traduz bem o que se almeja: “o rosto da nossa Igreja”, com quatro características.

(1) *Discípula da Palavra*. Como comunidade de discípulos (as) de Cristo, somos chamados a nos converter à Palavra de Deus e ser evangelizada por ela. Uma Igreja missionária e participativa, com relações próximas e afetuosas entre bispos, padres e todo o povo de Deus. Como a Palavra também se manifesta no mundo e na diversidade das culturas, o discipulado implica diálogo e abertura, especialmente às religiões nativas (MANAUS 2, n. 22-25).

(2) *Testemunha do diálogo*. Rezamos pela unidade dos cristãos e nos esforçamos por superar as divisões. Redescobrimos e alimentamos o espírito ecumênico (MANAUS 2, n. 26-29).

(3) *Servidora e defensora da Vida*. Assumimos a misericórdia e a compaixão de Cristo em relação a todo ser vivo e à vida ameaçada, como princípio de toda a ação evangelizadora. Cremos que Deus não quer a Igreja para si mesma, mas em função do Reino da vida, da justiça e da paz. Toda a nossa ação, tanto nas pastorais sociais quanto nos setores da vida internas da Igreja é expressão desse serviço (MANAUS 2, n. 30-33).

(4) *Irmã da criação*. Cremos que toda a criação, sacramento vivo da presença de Deus, participa da redenção de Cristo que, por sua páscoa, reconcilia o universo. Somos chamados, como profetas e profetizas de Deus, a unir a defesa da justiça social à salvaguarda da criação (MANAUS 2, n. 34-38).

Segundo o documento, as Igrejas da Amazônia se deixarão iluminar por quatro perspectivas evangelizadoras: inculturação, cidadania, formação e anúncio central da Boa-Nova. Tudo isso com uma significativa rede de comunidades vivas, que são a base dessas perspectivas (MANAUS 2, n. 39-50).

5ª Passo: Igreja da Amazônia na Igreja do Brasil

Um ano depois, em 1998, os bispos da Amazônia incluíram o tema “Missionaridade e Solidariedade entre as Igrejas do Brasil” na 36ª Assembleia Anual da CNBB em Itaiçi. Dom Erwin Kräutler, bispo do Xingu e responsável pela dimensão missionária da CNBB manifesta que “a Amazônia representa no Brasil de nossos dias, a realidade mais gritante quando tratamos de áreas e situações missionárias. Amazônia exige respostas urgentes, proféticas, corajosas”.

A carta de Dom Erwin vem acompanhada por uma missiva dos bispos da Amazônia, reunidos com seus irmãos do episcopado em Itaiçi. Ela se intitula “A Igreja e a questão da Amazônia”. Os bispos associam o clamor ético da Amazônia a uma visão estrutural da sociedade, como fez Medellín. Mas, desta vez, em perspectiva socioambiental, da ecologia integral. Afirmam que “a Amazônia é também um grito em favor de outro tipo de desenvolvimento tecnológico, econômico e cultural”. É preciso que a vida humana e todas as formas de vida sejam colocadas no centro de tudo, pois a primeira “depende de uma boa relação entre as muitas formas de vida existentes” (CNBB, 2014, p. 120). Com isso, superam-se os limites do antropocentrismo unilateral da modernidade, em favor de uma visão unificadora do ser humano, de cada criatura e da biosfera.

Os bispos relacionam a temática da Amazônia com a questão indígena e a consciência planetária ao reconhecer que a Amazônia e os povos indí-

genas são um chamado à humanidade para manter saudável e bela a casa comum de toda a vida, dada por Deus.

6º Passo: Constituição da Comissão Episcopal da Amazônia

Em 2003 a CNBB constitui a Comissão Episcopal da Amazônia, cujo primeiro presidente foi Dom Jayme Chemello. Segundo ele, “é chegada a hora, para muitas Igrejas no Brasil, de entrar no mesmo barco da missão na Amazônia. À interpelação provinda da Amazônia há décadas a Igreja no Brasil responde como colegiado episcopal, com programas bastante arrojados, para dar sequência ao Projeto Igrejas-Irmãs” (CHEMELLO, 2004). A comissão tem dois grandes objetivos: (a) sensibilizar a todos para a questão dessa região, fazendo com que o Brasil volte o seu olhar para a Amazônia, e (b) despertar e aprofundar a consciência missionária, atendendo ao apelo provindo da Igreja que se encontra na Amazônia.

Logo no começo de sua atuação essa Comissão da CNBB publica o extenso documento “A missão da Igreja na Amazônia. Os desafios de ontem, de hoje e de sempre” (CNBB, 2004, p. 125-153). Praticamente se retomam as descobertas, convicções e clamores expressos nas declarações dos encontros de bispos da Amazônia. Talvez a melhor parte do documento, com certa dose de originalidade, seja a conclusão. Ela recolhe os elementos que tipificam uma Igreja com rosto amazônico:

Somente uma Igreja aberta ao diálogo, disponível ao serviço, ecumênica no sentido mais profundo, desprovida dos poderes que afastam e a tornam burocrática, uma Igreja inculturada no serviço evangelizador consegue responder aos grandes desafios da região que hoje é mais urbana que propriamente rural, pois o ‘urbano’ como cultura invade todas as realidades (p. 152).

Evidenciam-se ainda outros traços deste perfil ideal da Igreja na Amazônia de forma poética: Igreja “que se faz peregrina, Igreja de rua, dos rios, do encontro, de acolhimento, de amor extremo e corajoso ao empobrecido [...] uma Igreja ousada, destemida, de olhos abertos, enxergando longe, com os pés firmes no chão, na certeza de que o Espírito nos conduz à Terra prometida” (p. 152).

4 Conferência de Aparecida e Amazônia: o encontro dos rios

Aparecida, Ecologia e Amazônia

A V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe aconteceu em maio de 2007, em Aparecida. A ecologia e o cuidado com o planeta, bem como a Amazônia e os povos que nela habitam, especialmente os povos

indígenas, são apresentados no DAp, n. 83-87; 125-126; 470-474. Uma visão de conjunto dos textos nos permite identificar chaves de leitura significativas para a Igreja no continente e de modo particular para a Amazônia. Aparecida:

(a) Supera o antropocentrismo exclusivista e dominador. Em seu lugar, há uma visão pluricêntrica, que integra ser humano com a outras criaturas. Compreende-se a Terra como nossa “Casa Comum”, e não como um conjunto de bens disponíveis para uso do ser humano. Há uma mudança de acento: da dominação para o cuidado (DAp, n. 125);

(b) Retoma a visão crítica de Medellín, acerca do modelo econômico vigente na América Latina e no Caribe, que aniquila a natureza e desumaniza os nossos povos. Neste sentido, recobra a perspectiva profética que foi minimizada em Santo Domingo (DAp, n. 473);

(c) Apontam alguns sintomas desse modelo destruidor nos biomas e nos povos: devastação de nossas florestas e da biodiversidade (DAp, n. 473); biopirataria (DAp, n. 83); destruição causada pela mineração e a industrialização insustentável (DAp, n. 473);

(d) Propõe um modelo de desenvolvimento alternativo, integral e solidário, baseado em uma ética que inclua a responsabilidade por uma autêntica ecologia natural e humana, (DAp, n. 474c). A isso se liga a defesa da biodiversidade, relacionada com a riqueza cultural e a sabedoria dos povos originários (DAp, n. 83);

(f) Assume as bases da ecoteologia, mostrando a unidade da criação com salvação em Cristo (DAp, n. 470);

(g) Convoca os cristãos e a Igreja para participar com a sociedade civil na luta pela sustentabilidade (DAp, n. 474 d e). Como “profetas da vida”, os cristãos e a Igreja sentem-se chamados por Deus a engajar-se por “um mundo habitável”, agora e para as novas gerações (DAp, n. 471).

A Amazônia ganha o destaque merecido na Igreja da América Latina e do Caribe. “A sociedade panamazônica é pluriétnica, pluricultural e plurireligiosa. Nela, está-se intensificando, cada vez mais, a disputa pela ocupação do território. As populações tradicionais da região querem que seus territórios sejam reconhecidos e legalizados” (DAp, n. 86). A Conferência propõe então a articulação dos povos e da Igreja da Amazônia. Tal desejo se concretizará sete anos depois, com a constituição da REPAM (DAp, n. 475).

Há citações significativas acerca dos povos originários e afro-americanos (Por exemplo: DAp, n. 56, 88-97). Eles são considerados com “outros” diferentes, que exigem respeito e reconhecimento. A Igreja os acompanha nas lutas por seus legítimos direitos (DAp, n. 89). A afirmação da plena cidadania dos indígenas e afro-americanos implica “descolonizar as mentes, o conhecimento, recuperar a memória histórica e fortalecer os espaços e relacionamentos inter-culturais” (DAp, n. 96).

7º Passo: Discípulos e missionários na Amazônia.

Em setembro de 2007, poucos meses após a conclusão da Conferência de Aparecida, 35 bispos dos regionais Norte 1, Norte 2 e Noroeste se reúnem em *Manaus*. O documento final desse IX Encontro de Bispos da Amazônia brasileira ganha o título “Discípulos Missionários na Amazônia”, em clara alusão à chave de leitura da eclesiologia de Aparecida. Segundo os bispos, tal título exprime “a fé como um processo (discipulado) e a evangelização como uma grande missão” (MANAUS 3, apresentação). Ser uma “Igreja em estado de missão” (DAP, n. 213) comporta dois movimentos: “o envio até as mais distantes aldeias e povoados e a convocação dos que estão nos últimos lugares para formar comunidades” (MANAUS 3, n. 4).

Cada parte do documento segue o esquema: a realidade que vivemos, a Palavra que ilumina, e as ações que propomos. Evocam-se citações de Aparecida e do texto base da CF 2007. A primeira, “a Amazônia de hoje”, evidencia problemas como o tráfico e o consumo de drogas, o aumento da violência urbana, a prostituição e o tráfico de pessoas, o trabalho escravo, e sugerem algumas ações nesse âmbito (MANAUS 3, n. 5-21). Na segunda, “Amazônia e meio ambiente” (MANAUS 3, n. 22-34), mesclam-se temas recorrentes e novos, como grandes projetos e ações predatórias da Amazônia, alternativas de desenvolvimento sustentável e meio ambiente urbano.

A leitura teológica sinaliza a crescente superação do antropocentrismo egóico da modernidade na consciência da Igreja: “no confronto com as grandes questões da Amazônia, é necessário resgatar uma compreensão do ser humano como parte da comunidade da criação, dependente da Terra, da natureza” (MANAUS 3, n. 27). Relaciona a questão ecológica com os povos originários: “para uma autêntica inculturação ecológica do Evangelho é necessário conhecer melhor a mística, a mitologia e os saberes tradicionais dos povos indígenas” (MANAUS 3, n. 30). As ações propostas constituem uma *aplicação* do Documento de Aparecida, adequadas para a realidade amazônica (MANAUS 3, n. 34).

A terceira parte, “a Igreja na Amazônia e os povos indígenas, os quilombolas e os ribeirinhos” (MANAUS 3, n. 35-53) reafirma compromissos já assumidos, realça a atuação do CIMI e reconhece o testemunho profético do sangue dos mártires na Amazônia (MANAUS 3, n. 38,51,53). Acolher o mitos e contos, que são palavras sagradas dos povos indígenas, “nos ajudam a perceber as sementes do Verbo entre eles” (MANAUS 3, n. 46). A quarta parte trata da delicada questão da “Igreja na Amazônia e seu relacionamento com o Estado” (MANAUS 3, n. 54-60), a partir da experiência vivida pelos bispos, em contato com os fiéis: “a nossa opinião sobre os planos dos governos vem dos encontros com o nosso povo, da escuta dos seus sofrimentos e das suas dificuldades, da realidade que podemos ver com os nossos próprios olhos nas longas viagens e nas visitas às nossas comunidades” (MANAUS 3, n. 54). Eles denunciam que “o nosso povo

é vítima de uma verdadeira tirania econômica e política” (MANAUS 3, n. 57). O discernimento da Igreja sobre a relação com o Estado se inspira no testemunho dos mártires e de tantos homens e mulheres “que não se venderam e resistiram ao jogo dos interesses particulares”. Assim, dizem os bispos, “dessas testemunhas aprendemos como relacionar-nos com o poder, com independência e a serviço do bem comum” (MANAUS 3, n. 65).

A quinta parte versa sobre “Igreja na Amazônia, suas estruturas e sua missão” (MANAUS 3, n. 71-79). Reafirma a opção pelas CEBs, como nova forma de ser Igreja. Ao mesmo tempo, sinaliza que elas necessitam se reinventar, devido aos desafios do contexto urbano e à multiplicidade de modelos pastorais. As comunidades “não cessam de elevar o seu clamor pela celebração eucarística. Inúmeras “só tem acesso a ela duas ou três vezes ao ano”. O documento identifica os diferentes agentes de evangelização, com suas peculiaridades e contribuições de discípulos e missionários: leigos e leigas, religiosos e religiosas, presbíteros e diáconos permanentes. Aponta as preocupações para a vida da Igreja na Amazônia de hoje: cidades e pastoral de conjunto, famílias e juventudes, religiosidade popular e grupos religiosos pentecostais (MANAUS 3, n. 71).

Retomam-se as afirmações de Santarém e do primeiro encontro de Manaus: a Igreja “deve assumir cada vez mais o rosto amazônico, através da encarnação na realidade, da evangelização libertadora e da valorização de elementos evangélicos nas culturas dos povos das Amazônia” (MANAUS 3, n. 76). A sexta e última parte aborda a temática “Igreja na Amazônia e a Igrejas-Irmãs”. Há um agradecimento enfático a todas as pessoas e organizações que contribuem com pessoas e recursos para a Igreja na região. Atesta-se que foi de grande valia o projeto Igrejas-Irmãs, de solidariedade de dioceses de outras regiões do Brasil com as prelazias da Amazônia e se propõem ações em vista de sua revitalização. Explicita a importância dos encontros de bispos da Amazônia continental, e propõe intensificar o intercâmbio entre as Igreja. Por fim, elenca algumas alternativas em vista da autonomia financeira e auto-sustentação das prelazias.

8º Passo: nos 40 anos de Santarém

Vale assinalar o Encontro “Igreja na Amazônia. Memória e compromisso”, de 2012, que celebrou os 40 anos do Encontro de Santarém, sendo realizado na mesma cidade. Além dos bispos da região, o encontro reuniu representantes de presbíteros, diáconos, religiosos(as) e leigos(as), organismos pastorais e instituições da ajuda à Amazônia. Assumem-se estes compromissos, “para viver a missionaridade e o profetismo da Igreja”:

- ser uma Igreja pobre e junto dos pobres, solidária com os excluídos e abandonados, também em momentos de enfrentamento;
- contribuir para a mudança de mentalidade que considera a Amazônia colônia ou periferia do Brasil;

- estar atentos aos desafios dos centros urbanos e dos grandes projetos, que avançam a qualquer custo, esmagando toda forma de vida;
- formar lideranças numa pedagogia que considere a vida e a realidade das pessoas;
- viver o caminho da escuta da voz de Deus na Bíblia e nos gritos do povo;
- empenhar-se para que a Igreja tenha cada vez mais rosto e coração amazônicos (SANTARÉM 2, p. 220-221).

O documento identifica os traços do “rosto de uma Igreja amazônica”, a partir dos encontros anteriores:

- (a) solidária-samaritana, caminhando com o povo mais sofrido;
- (b) ministerial e missionária, favorecendo o protagonismo de leigos e leigas;
- (c) expressa sobretudo nas Comunidades eclesiais de Base;
- (d) irmã da criação.

Neste último aspecto, “ela considera como parte de sua opção fundamental a salvaguarda de toda criação e chama todos os homens e mulheres a cuidarem do planeta como casa comum (SANTARÉM 2, p. 226).

À luz do documento de Aparecida e das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil destacam-se, dentre as urgências pastorais: Iniciação Cristã e catequese, comunidades eclesiais vivas como as CEBs e outras formas de vivência comunitária, formação de todos os agentes evangelizadores, para uma Igreja toda missionária e ministerial, evangelização da juventude e sustentabilidade econômica (SANTARÉM 2, p. 230-234). E se conclui com palavras fortes e decididas, que marcam a diferença:

A profecia nos impele a apresentar a Boa Nova de Jesus como alternativa diante de uma sociedade de consumo. À economia do mercado, dominada pela ganância do capital, respondemos com a busca de uma economia solidária e fraterna. Aos encantos do sucesso e das aparências, respondemos com a simplicidade e a beleza do nosso povo, mistura de indígenas e de migrantes. À tentação de uma religiosidade individualista, alienante e triunfalista, fundada na prosperidade egoísta, respondemos com a proposta das pequenas comunidades e do seguimento de Jesus, no caminho da iniciação cristã, que se expressa também por meio de nossas devoções, procissões, romarias e círios (SANTARÉM 2, p. 235).

9º Passo: a fundação da REPAM: chuvas abundantes para revitalizar o rio

A Amazônia ganhou destaque no cenário eclesial após a encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco (2015). Além de despertar a Igreja para a tarefa do Cuidado da Casa Comum, Francisco ressalta sua importância “para o conjunto do planeta e para o futuro da humanidade” (LS, n. 38).

A resposta aos apelos da Conferência de Aparecida se concretiza com a formação da REPAM. Foi fundada em setembro de 2014 com a participação de várias entidades: o Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM), as Conferências nacionais de bispos dos nove países que constituem a Amazônia, o Secretariado da América Latina e Caribe da Cáritas (SELACC), e a Confederação Latino-americana e Caribenha de Religiosos e Religiosas (CLAR). Ela se configura de forma original, tanto na sua constituição, como na maneira de atuar.⁵

A REPAM se propõe a escutar, acompanhar, apoiar, animar, formar, servir, estimular, comunicar e unir forças para responder aos grandes desafios socioambientais da Amazônia. O termo “Rede” traduz efetivamente sua identidade e método, pois estabelece vínculos e soma experiências positivas de forma horizontal, sem criar mais estruturas eclesiais de Animação e Governo. A REPAM consiste também num espírito que anima e vivifica a fé, aguça a percepção, desperta as consciências, encoraja o engajamento comunitário e social, estimula a reflexão crítica, impulsiona para colocar em prática a encíclica *Laudato Si'*, incentiva a assumir a cultura dos povos da Amazônia. Em síntese: inspira e instiga, desperta e sugere trilhas.

Na senda inaugurada pela Conferência de Medellín (1968) e confirmada em Aparecida (2007), a REPAM crê no protagonismo dos povos amazônicos, na defesa e no cuidado da Casa Comum. Promove um serviço de interconexão e articulação de ações em rede. Reúne assim pessoas, comunidades, paróquias, pastorais e organismos eclesiais, dioceses, Conferências nacionais de religiosos (as) e bispos. Abarca uma região com 7,8 milhões de quilômetros quadrados onde vivem 33 milhões de habitantes, incluindo 1,5 milhão de indígenas de 385 povos.

A REPAM instituiu vários eixos de atuação: (a) Povos indígenas e grupos em vulnerabilidade; (b) Direitos humanos e incidência internacional; (c) Formação e métodos pastorais em perspectiva itinerante; (d) Igreja de fronteiras; (e) Alternativas ao desenvolvimento, bem-viver e mudanças climáticas; (f) Comunicação para a transformação social; (g) Investigação e mapeamento; (h) Articulação com as redes internacionais de apoio. Estes eixos apresentam distintos ritmos e graus de articulação. Alguns funcionam melhor e avançaram mais.

10º Passo: convocação do Sínodo para a Amazônia

Em 15 de outubro de 2017 o Papa Francisco convocou a “Assembleia especial do Sínodo dos bispos para a região pan-amazônica”, a ser realizada

⁵ REDE ECLESIAL PANAMAZÔNICA. Disponível em: <<http://repam.org.br/>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

em Roma, em outubro de 2019. O tema será: “Amazônia, novos caminhos para a Igreja e a ecologia integral”. Segundo as palavras de Francisco,

o objetivo principal desta convocação é identificar novos caminhos para a evangelização daquela porção do Povo de Deus, especialmente dos indígenas, frequentemente esquecidos e sem perspectivas de um futuro sereno, também por causa da crise da Floresta Amazônica, pulmão de capital importância para nosso planeta.⁶

A que se propõe o sínodo da Amazônia? Quatro verbos resumem a o intento desta assembleia: conhecer, reconhecer, conviver e defender. Segundo a REPAM, trata-se de uma oportunidade para “CONHECER a riqueza do bioma, os saberes e a diversidade dos Povos da Amazônia, especialmente dos povos indígenas, suas lutas por uma ecologia integral, seus sonhos e esperanças”. O sínodo possibilita RECONHECER as lutas e resistências dos Povos da Amazônia que enfrentam mais de 500 anos de colonização e de projetos desenvolvimentistas marcados pela exploração da floresta e dos recursos naturais. Sobretudo no processo de preparação, visa-se CONVIVER com a Amazônia, com o modo de ser de seus povos, com seus recursos de uso coletivo compartilhados num modo de vida adotado milenarmente. Por fim, delinea-se a visibilidade profética, de DEFENDER a Amazônia, seu bioma e seus povos ameaçados.⁷

Uma das novidades do sínodo consiste exatamente neste processo de escuta e de construção coletiva. No início do referido documento se diz:

Esses novos caminhos de evangelização devem ser elaborados para e com o povo de Deus que habita nessa região: habitantes de comunidades e zonas rurais, de cidades e grandes metrópoles, ribeirinhos, migrantes e deslocados e, especialmente, para e com os povos indígenas (REPAM., 2018a, p. 5).

O sínodo deve ampliar a proposta da *Laudato Si'* com interlocutores concretos: “escutar os povos indígenas e todas as comunidades que vivem na Amazônia” (REPAM, 2018a, p. 6). E desse encontro podem brotar gestos de conversão ecológica da Igreja, a fim de colaborar na construção de um mundo que rompa com as estruturas que sacrificam a vida e as mentalidades de colonização, para construir redes de solidariedade e interculturalidade. (REPAM, 2018a, p.6).

Conclusões abertas: para uma Igreja com rosto amazônico

O encontro de Santarém marca o despontar de uma consciência comum na (s) igreja (s) da Amazônia. As duas diretrizes, *evangelização libertadora* e *en-*

⁶ REDE ECLESIAL PANAMAZÔNICA. *Sínodo para a Amazônia*. Disponível em: <http://repam.org.br/?page_id=962>. Acesso em: 05 fev. 2019.

⁷ REDE ECLESIAL PANAMAZÔNICA. *Sínodo para a Amazônia*. Disponível em: <http://repam.org.br/?page_id=962>. Acesso em: 05 fev. 2019.

carnação na realidade, estão na base das opções pastorais válidas não somente para a Amazônia. Elas fundamentam a Igreja dos Pobres e da Teologia da Libertação em todo o continente latino-americano. As quatro prioridades: *formação de agentes de pastoral, constituição de comunidades de base, pastoral indigenista e evangelização nas frentes pioneiras* deram um rumo a seguir e conseguiram aglutinar as forças vivas, apesar das enormes distâncias e grandes dificuldades. No encontro de Manaus, dois anos depois, acrescentou-se a prioridade da Pastoral de juventude. Elas foram concretizadas, avaliadas, revistas e ampliadas no correr dos 40 anos seguintes. Um olhar panorâmico no “fluxo do rio” da Igreja na Amazônia, desde Santarém até os dias de hoje, permite-nos fazer algumas observações em vista do futuro.

- Em primeiro lugar, permanece viva a prioridade da *formação de agentes de pastoral*. Durante o período, a própria expressão se ampliou e se enriqueceu, abarcando as lideranças leigas, os religiosos (as), diáconos, seminaristas e presbíteros. Do ponto de vista de pastoral, incorporou a narração, a linguagem simbólica e incrementou uma didática mais apropriada para as culturas amazônicas. Dentre os desafios atuais, destacam-se: uma formação teológica e pastoral com rosto amazônico, que seja promovida por lideranças amazônicas; cursos de teologia acadêmica que realizem um diálogo intercultural; utilização dos recursos midiáticos, para articular ambiente virtual e atividades presenciais; a utilização de várias ciências e saberes, para compreender melhor e atuar de maneira transformadora sobre a realidade da Amazônia.
- A partir dos Encontros e dos processos desencadeados nas prelazias, dioceses e regionais, surgiu uma Igreja participativa, missionária e profética. As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), desde o início, foram acolhidas como a melhor opção pastoral de organização eclesial, a partir de baixo. Mas elas enfrentam uma crise. No correr do tempo, na medida em que cresce o contingente de população urbana, aumenta também a solidão e o individualismo. A vida moderna favorece a dispersão das pessoas. É mais difícil formar e manter comunidades. Além disso, acontece uma mudança significativa no perfil dos presbíteros e dos movimentos leigos em algumas dioceses e prelazias, influenciados sobretudo pela onda neoconservadora advinda do sudeste e sul do Brasil. Preocupada em responder às demandas subjetivas dos fiéis, essa ignora a dimensão social da fé. Há ainda questões internas que afloram como limites das próprias CEBs. Então, é necessário realizar: uma configuração das CEBs no contexto urbano e suburbano, o diálogo entre as diferentes correntes na Igreja, e a organização das paróquias como efetiva rede de comunidades.
- A relação da Igreja com os povos originários da Amazônia consiste numa prioridade pastoral extremamente atual. Nesses 47 anos desenvolveu-se a consciência a respeito da originalidade da cultura dos povos indígenas, sua sabedoria ancestral, a forma de conviver de maneira sustentável com a floresta. Além dos indígenas também ganham destaque os afro-americanos

e as comunidades quilombolas. No que diz respeito à missão de evangelizar a todos, persiste o desafio de “anunciar Jesus” como boa nova, e respeitar a identidade própria destes povos, com sua religião, evitando toda dominação cultural. Em alguns casos, a atuação junto aos povos originários não se traduz em evangelização explícita, e sim em diálogo inter-religioso. Em outros contextos, reina a dupla pertença e a justaposição de crenças. Há que lidar com a tensão permanente de constituir comunidades cristãs e/ou estabelecer um diálogo macro-ecumênico, respeitando as diferentes crenças.

- Desde o encontro de Santarém, a Igreja da Amazônia percebeu que precisa “estar em estado de missão”. Hoje a situação é bem mais complexa, devido a uma infinidade de novos desafios e a dificuldade em manter várias frentes pioneiras. Há muito que realizar, com um reduzido contingente humano e poucos recursos materiais. De um lado, os povos da floresta, as comunidades tradicionais extrativistas, e as de ribeirinhos, quilombolas e indígenas. De outro, a questão urbana, o imenso contingente de população concentrada nas periferias das cidades, habitando em péssimas condições de vida. Acrescente-se a isso os problemas sociais gritantes, como o tráfico e o consumo de drogas, o tráfico de pessoas e a prostituição de adolescentes, o nefasto impacto ambiental e humano dos megaprojetos promovidos pelo governo e as empresas. Na Amazônia atual o ritmo belo e lento do rio se mistura com o ritmo caótico das cidades. Imenso desafio pastoral. Aí reside também sua riqueza, pois é uma Igreja anfíbia, presente na terra e na água, na floresta verde e na “selva de pedra”, com interlocutores rurais e urbanos. Tal situação interpela à solidariedade da Igreja de outras regiões do país, para uma colaboração mais estreita.

- A Igreja na Amazônia deu passos significativos em relação à consciência ecológica. Inicialmente, a grande preocupação estava centrada no ser humano explorado, diante de uma iminente onda desenvolvimentista, que prometia trazer o progresso e “superar o atraso” do modelo econômico de subsistência dos povos tradicionais da floresta. Lentamente cresce a consciência de que o modelo de desenvolvimento que se impõe na Amazônia destrói sua cultura, seus povos e o meio ambiente. A devastação da floresta devido aos megaprojetos, a monocultura, a pecuária extensiva e a mineração se transforma num grito que brada aos céus. À medida em que cresce o empenho pela sustentabilidade, aprofunda-se a crítica ao sistema econômico e político vigente. Supera-se o paradigma antropocêntrico da modernidade. Compreende-se cada vez mais que o ser humano é parte da Terra, depende da biosfera para viver e é chamado por Deus para cuidar dela. Então, as questões sociais e ecológicas integram um todo, como afirma o Papa Francisco na *Laudato Si'*. Tudo está interligado: bioma e seus habitantes; água, terra, plantas, animais e humanos.

- Quais seriam os traços de uma Igreja com rosto amazônico? Esta pergunta se responde na mesma proporção em que a comunidade dos discípulos (as) missionários (as) de Cristo se encarna na realidade local,

com sua pluralidade étnica, cultural e religiosa. No encontro das Igrejas da Amazônia (1997), cujo tema foi “a Igreja se faz Carne e arma sua tenda na Amazônia” se apontam as seguintes características: Igreja discípula da Palavra, testemunha de diálogo ecumênico e inter-religioso, servidora e defensora da vida em toda sua extensão, irmã da criação. No documento “A missão da Igreja na Amazônia. Os desafios de ontem, de hoje e de sempre” se acrescentam: uma Igreja desprovida dos poderes da burocracia e inculturada na realidade rural e urbana. Já no Encontro após a conferência de Aparecida, “Discípulos e missionários na Amazônia” (2007), somam-se: a valorização de elementos evangélicos nas culturas dos povos da Amazônia; uma Igreja solidária-samaritana, caminhando com o povo mais sofrido; uma Igreja com o *coração* amazônico. Por fim, após a formação da REPAM e a convocação do Sínodo, este rosto adquire também um traço de crescente internacionalidade, abrangendo a pan-amazônia. E como tudo está interligado, o bioma amazônico e seus povos tem uma contribuição a dar para o mundo, como exemplo de cultivo do bem-viver e de uma sociedade sustentável, que mantém a teia da vida.

Esperamos que o percurso traçado pela Igreja da Amazônia, com suas descobertas e convicções, encontre eco no Sínodo e nele se expresse em proposições inovadoras, para os cristãos, os povos da Amazônia e a ecologia. No dizer do Papa Francisco, “nunca maltratamos e ferimos a nossa casa comum como nos últimos dois séculos. Mas somos chamados a tornar-nos os instrumentos de Deus Pai para que o nosso planeta seja o que Ele sonhou ao criá-lo e corresponda ao seu projeto de paz, beleza e plenitude” (LS, n. 53). Que a Amazônia seja a terra bendita para realizar este sonho de Deus.

Siglas

BELÉM	= Documento de Icoaraci, Belém, 1990
CEBs	= Comunidades Eclesiais de Base
CF2007	= Campanha da Fraternidade 2007
CNBB, 2004	= Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2004
DAP	= Documento da Aparecida
DP	= Documento da Puebla
EG	= Exortação Apostólica Evangelii Gaudium
LS	= Carta Encíclica Laudato Si'
MANAUS 1	= II Encontro Interregional de Pastoral, Manaus
MANAUS 2	= Documento do VIII Encontro das Igrejas da Amazônia, Manaus
MANAUS 3	= Documento do IX Encontro dos Bispos da Amazônia, Manaus
MEDELLÍN	= Conclusões da Conferência de Medellín

REPAM = Rede Eclesial Panamazônica
SANTARÉM 1 = I Encontro interregional de pastoral, Santarém, 1972
SANTARÉM 2 = Conclusões do Encontro de Santarém, Santarém, 2012
SD = Documento de Santo Domingo

Referências

BISPOS DA AMAZÔNIA. Linhas prioritárias da Pastoral da Amazônia. I Encontro Interregional de Pastoral, Santarém, 1972. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (Org.). *Desafio Missionário: documentos da Igreja na Amazônia*, coletânea. Brasília: CNBB, 2014. p. 13-28.

_____. Linhas prioritárias da Pastoral da Amazônia. II Encontro Interregional de Pastoral. Manaus, 1974. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (Org.). *Desafio Missionário: documentos da Igreja na Amazônia*, coletânea. Brasília: CNBB, 2014. p. 29-57.

_____. Em defesa da Vida da Amazônia. Documento de Icoaraci, Belém, 1990. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (Org.). *Desafio Missionário: documentos da Igreja na Amazônia*, coletânea. Brasília: CNBB, 2014. p. 59-65.

_____. A Igreja se faz Carne e arma sua tenda na Amazônia. Documento do VIII Encontro das Igrejas da Amazônia, Manaus, 1997. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (Org.). *Desafio Missionário: documentos da Igreja na Amazônia*, coletânea. Brasília: CNBB, 2014. p.67-84.

_____. Discípulos Missionários na Amazônia. Documento do IX Encontro dos Bispos da Amazônia, Manaus, 2007. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (Org.). *Desafio Missionário: documentos da Igreja na Amazônia*, coletânea. Brasília: CNBB, 2014. p. 161-197.

BISPOS E SUPERIORES RELIGIOSOS DO NORDESTE. *Eu ouvi os clamores do meu povo (Êxodo, III, 7)*. Salvador: Beneditina, 1973.

CARRERA DA MATA, R.P. A Igreja e sua missão na Amazônia. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, n. 46, Ano 22, p. 19-28, 2007, Disponível em: <<https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/viewFile/356/343>>. Acesso em: 03 fev. 2019.

_____. A Igreja Católica na Amazônia. *Terceira Margem*, Amazônia, v. 2, n. 6, p. 257-275, jan./jul.2016. Disponível em: <www.revistaterceiramargem.com/index.php/terceiramargem/article/view/113/90>. Acesso em: 30 jan. 2019.

CASALDÁLIGA, P. *Carta Pastoral Uma Igreja da Amazônia em Conflito com o Latifúndio e a Marginalização Social*. São Félix do Araguaia, 10 de outubro de 1971. Disponível em: <<http://servicioskoinonia.org/Casaldaliga/cartas/1971CartaPastoral.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

_____; BALDUÍNO, T. *Y-Juca-Pirama — o Índio: aquele que deve morrer*. 1973. Disponível em: <<https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/y-juca-pirama-o-indio-aquele-que-deve-morrer>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

CHEMELLO, J. H. Missão da Igreja na Amazônia. *Vida Pastoral*, São Paulo, p. 27-28, jan./fev. 2004. Disponível em: <<https://www.vidapastoral.com.br/artigos/missao/missao-da-igreja-na-amazonia/>>. Acesso em: 03 fev. 2019.

COMISSÃO EPISCOPAL PARA A AMAZÔNIA. A missão da Igreja na Amazônia: os desafios de ontem, de hoje e de sempre. Brasília, 2004. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Desafio Missionário: documentos da Igreja na Amazônia*, coletânea. Brasília: CNBB, 2014. p. 123-153.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA (CPT). *Massacres no campo*. Disponível em: <<https://www.cptnacional.org.br/sobre-nos/historico>>. Acesso em: 03 fev. 2019.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA. *Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*: Documento da Puebla. São Paulo: Paulinas, 1979.

_____. *Conclusões da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano: nova evangelização, promoção humana e Cultura cristã*. Documento de Santo Domingo. São Paulo: Paulinas, 1992.

_____. *Conclusões da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Documento da Aparecida. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____. *Conclusões da Conferência de Medellín, 1968: trinta anos depois, Medellín é ainda atual?* 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Texto Base da Campanha da Fraternidade 2007: vida e missão neste chão, fraternidade e Amazônia*. Brasília: CNBB; São Paulo: Salesiana, 2006.

_____. Igreja na Amazônia. Conclusões do Encontro de Santarém. Santarém, 2012. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Desafio Missionário: documentos da Igreja na Amazônia*, coletânea. Brasília: CNBB, 2014. p. 217-235.

_____. *Desafio Missionário: documentos da Igreja na Amazônia*, coletânea. Brasília: CNBB, 2014.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO (CIMI). Disponível em: <<https://cimi.org.br/>>. Acesso em: 02 fev. 2019.

FERREIRA CALADO, A.J. *Eu ouvi os clamores do meu povo: um documento profético publicado no auge da ditadura empresarial-militar, no Brasil*. Disponível em: <https://kairosnostambemsomosigreja.wordpress.com/2013/02/09/eu-ouvi-os-clamores-do-meu-povo-um-documento-profetico-publicado-no-auge-da-ditadura-empresarial-militar-no-brasil-por-alder-julio-ferreira-calado/>. Acesso em: 30 jan. 2019.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. *Carta Encíclica Laudato Si': sobre o cuidado da Casa Comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. Convocação do Sínodo da Amazônia (vídeo). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nkvZvHFIVDM>>. Acesso: 15 jan. 2019.

HOORNAERT, E. *História da igreja na Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1992.

KRÄUTLER, E. A voz dos pastores da Amazônia (2007). Anexo ao Documento do IX Encontro de Bispos da Amazônia: Discípulos missionários na Amazônia.

In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Desafio Missionário: documentos da Igreja na Amazônia*, coletânea. Brasília: CNBB, 2014. p.198-216.

MURAD, A. Ecologia e fé cristã nas cinco Conferências. In: BRIGHENTI, A.; PASSOS, J.D (Orgs). *Compêndio das Conferências dos bispos da América Latina e Caribe*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2018. p. 367-380.

PAULO VI, Papa. *Encíclica Populorum Progressio* sobre o Progresso dos povos (1967). Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html>. Acesso em: 25 jan. 2019.

REDE ECLESIAL PANAMAZÔNICA Brasil. Comissão Especial para a Amazônia. *Amazônia. Novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral: documento Preparatório*. Brasília: CNBB, 2018a.

_____. *Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. Versão Popular do Documento Preparatório*. 2018b. Disponível em: <<http://repam.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Documento-Preparat%C3%B3rio-vers%C3%A3o-popular.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

_____. *Novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral*. Rodas de Conversa. 2018c. Disponível em: <http://repam.org.br/wp-content/uploads/2018/07/RODAS-DE-CONVERSAS_FINAL.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2019.

TURA, L. *O sentido da Pan-amazônia*: entrevista em 03/12/2010. Disponível em: <<https://fase.org.br/pt/informe-se/noticias/o-sentido-da-pan-amazonia/>>. Acesso em: 25 jan. 2019.

_____. *Sínodo para a Amazônia*. Disponível em: <http://repam.org.br/?page_id=962>. Acesso em: 05 fev. 2019.

Artigo submetido em 15.02.2019 e aprovado em 08.04.2019.

Afonso Murad é Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (1992), com pós-doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS, 2018). É professor de Teologia sistemática na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Orcid.org/0000-0002-3714-7378. E-mail: amurad@marista.edu.br

Endereço: Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127 — Planalto
31720-300 Belo Horizonte — MG